



ALAP 2020

IX Congreso de la Asociación
Latinoamericana de Población



9 a 11 diciembre

EL ROL DE LOS ESTUDIOS DE POBLACIÓN TRAS LA PANDEMIA DE COVID-19 Y
EL DESAFÍO DE LA IGUALDAD EN AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE

*Larissa Gonçalves Souza, Cedeplar/UFMG, Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG),
gso.larissa@gmail.com*

Pamila Cristina Lima Siviero, Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), pclsiviero@gmail.com

Evolução da longevidade e dos diferenciais de mortalidade
entre homens e mulheres no Brasil, 1950 a 2015

INTRODUÇÃO

No Brasil, desde meados da década de 1940, tem sido observada uma tendência de declínio dos níveis de mortalidade e ganhos em esperança de vida ao nascer, distintos entre os sexos (SIMÕES, 2002; ERVATTI; BORGES; JARDIM, 2015). Essa diferença de mortalidade entre homens e mulheres produz um hiato entre as expectativas de vida ao nascer, caracterizado pela vantagem feminina (GLEI; HORIUCH, 2007). Os determinantes desse diferencial de mortalidade são atribuídos a fatores biológicos e não biológicos, como os sociais, ambientes e comportamentais (GLEI; HORIUCH, 2007; SUNDBERG et al., 2018).

No que diz respeito à tendência temporal do diferencial de mortalidade por sexo, os países desenvolvidos seguiram uma trajetória semelhante (GLEI; HORIUCH, 2007). Durante grande parte do século XX, a diferença aumentou (TROVATO, 2005), contudo, desde as décadas de 1970 e 1980, o diferencial tem diminuído. Para os países em desenvolvimento, verificou-se que o diferencial na esperança de vida ao nascer entre os sexos aumentou com a redução da mortalidade (CHISUMPA; ODIMEGWU, 2018).

Segundo Simões (2002), o Brasil seguiu a tendência mundial de aumento da esperança de vida, caracterizada pela vantagem feminina na mortalidade e a rápida ampliação do hiato entre as esperanças de vida ao nascer. Todavia, no país há poucos estudos que investigam as disparidades na mortalidade entre os sexos. Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é compreender a evolução da longevidade e o comportamento do diferencial por sexo na longevidade, no Brasil, entre 1950 e 2015. A análise contempla os impactos de mudanças na mortalidade por idade no aumento da esperança de vida de cada sexo e as mudanças na mortalidade por idade no diferencial por sexo na longevidade.

MATERIAL E MÉTODOS

Neste trabalho foram utilizadas tábuas abreviadas de mortalidade do Brasil, por sexo, para os períodos de 1950-1955, 1970-1975, 1990-1995, 2000-2005, 2005-2010 e 2010-2015, disponibilizadas por United Nations (2019). Os indicadores calculados foram o diferencial da esperança de vida ao nascer no tempo e entre os sexos no mesmo ano; a razão de sexo entre as taxas específicas de mortalidade e; a contribuição dos grupos etários para o diferencial entre esperanças de vida ao nascer entre os sexos e para os ganhos de longevidade, por sexo.

Para identificar a estrutura etária do diferencial por sexo, em cada um dos anos em estudo, foram calculadas as razões de sexo entre taxas específicas de mortalidade. Em seguida,

para entender como os distintos grupos etários contribuíram para o diferencial na esperança de vida, ao longo do tempo e entre os sexos no mesmo ano, foi adotado o método de decomposição da diferença de esperanças de vida, proposto pelas Nações Unidas (1982). Esta técnica permite decompor a variação entre a esperança de vida ao nascer de uma população entre dois períodos ou entre duas populações em um mesmo ponto no tempo.

RESULTADOS

Entre 1950-1955 e 2010-2015, as mulheres experimentaram um ganho de 25,47 anos em esperança de vida ao nascer, ao passar de 52,57 anos para 78,04 anos, enquanto o ganho dos homens foi de 21,59 anos, com o indicador aumentando de 49,12 anos para 70,71 anos. Embora a esperança de vida tenha aumentado para mulheres e homens ao longo de todo o período, o ritmo de ganhos foi diferente. Até o quinquênio 1995-2000, as mulheres experimentaram um maior ganho relativo, comparativamente aos homens. De 2000-2005 em diante, o ritmo de ganho é maior para os homens. Em relação à contribuição dos grupos etários para os ganhos de longevidade, foi observado uma tendência da redução da contribuição do grupo etário dos menores de 1 ano e o aumento da participação do grupo etário idoso com mais de 60 anos, para homens e mulheres.

O diferencial por sexo na longevidade, por sua vez, aumentou de 3,45 anos, em 1950-1955, para 7,62, em 2000-2005, mostrando o primeiro sinal de redução no quinquênio de 2005-2010, no qual o hiato diminui para 7,54 anos. A análise das razões de sexo entre as taxas específicas de mortalidade por idade aponta para uma desvantagem masculina na mortalidade em todos os anos e grupos etários, uma vez que o indicador é sempre maior do que 1,0. Em 1950-1955, a razão varia de 1,07 a 1,28, indicando que o risco de morrer de um homem, em qualquer idade, era próximo ao risco de morte de uma mulher. No entanto, com o passar dos anos, o risco de morrer experimentado por um homem, em relação a uma mulher na mesma idade, foi aumentando, especialmente nas idades mais jovens (entre 15 e 35 anos). Esse padrão foi observado sobretudo nos anos mais recentes. Por exemplo, um homem de 20 a 24 anos em 2010-2015 experimentou um risco de morrer 4,55 vezes o de uma mulher na mesma idade.

Embora seja uma medida muito ilustrativa, as razões de sexo não podem ser utilizadas de forma isolada, uma vez que, por se tratar de uma medida relativa, perde-se a magnitude das taxas específicas a cada idade. As razões muito elevadas podem ser resultado de taxas específicas altas ou muito reduzidas. Para complementar a análise, utilizou-se a decomposição da diferença entre as esperanças de vida de mulheres e homens (Tabela 1).

De uma maneira geral, observando os dados da Tabela 1, é possível verificar a diminuição da participação dos menores de 1 ano e de 1 a 4 anos e o aumento da participação dos adultos e dos idosos. A contribuição de crianças e adolescentes (5 a 19 anos) é praticamente constante em todos os anos em análise. Em 1950-1955, os 3,5 anos que separavam a esperança de vida de homens e mulheres eram representados, principalmente, pela maior mortalidade dos meninos menores de 1 ano, em relação às meninas da mesma idade (37,48%). A maior mortalidade masculina entre aqueles com mais de 20 anos, inclusive os idosos, contribuía com 42% do diferencial da esperança de vida.

Em 2010-2015, a situação é bem diferente. Os homens viviam, em média, 7,33 anos a menos que mulheres. A maior mortalidade de bebês do sexo masculino explicou apenas 3,18% desses 7,33 anos, ao passo que adultos entre 20 e 59 anos contribuíram com 49,89% (19% 20 a 34 anos). A maior mortalidade dos homens idosos (acima dos 60 anos) explica 40,73% da desvantagem na longevidade masculina em 2010-2015 (Tabela 1). Segundo Vallin (2004), quanto mais se eleva a expectativa de vida ao nascer, maior se torna o diferencial, entretanto quanto maior a expectativa de vida ao nascer, menor é o diferencial. Além disso, após o início de diminuição do diferencial observa-se o impacto crescente da mortalidade dos idosos e a participação das doenças circulatórias na diminuição desse diferencial (SUNDBERG et al, 2018).

Tabela 1 – Contribuição dos grupos etários para o diferencial por sexo na esperança de vida ao nascer. Brasil 1950-1955 a 2010-2015

Grupo etário	Absoluta					
	1950-1955	1970-1975	1990-1995	2000-2005	2005-2010	2010-2015
0 a 1	1,29	1,56	0,65	0,57	0,47	0,23
1 a 4	0,52	0,46	0,25	0,11	0,09	0,04
5 a 19	0,18	0,29	0,37	0,41	0,43	0,42
20 a 59	0,72	1,76	3,65	3,91	3,79	3,66
60 e mais	0,74	1,14	2,01	2,61	2,75	2,98
Diferencial	3,45	5,22	6,92	7,62	7,54	7,33
Grupo etário	Relativa (%)					
	1950-1955	1970-1975	1990-1995	2000-2005	2005-2010	2010-2015
0 a 1	37,42	29,93	9,38	7,53	6,25	3,18
1 a 4	15,16	8,87	3,59	1,47	1,23	0,51
5 a 19	5,12	5,63	5,32	5,44	5,70	5,70
20 a 59	20,86	33,72	52,71	51,25	50,31	49,89
60 e mais	21,43	21,85	29,00	34,31	36,51	40,73
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100	100,00

Fonte dos dados básicos: United Nations, 2019.

CONCLUSÕES

Os homens experimentaram mortalidade superior a das mulheres em todos os grupos etários no Brasil, assim como as esperanças de vida ao nascer e em outras idades foram menores entre os homens. O hiato entre as expectativas de vida ao nascer feminina e masculina apresentou um comportamento crescente ao longo de praticamente todo o período estudado, apresentando sinais de redução a partir de 2005-2010. Embora tenha sido observado razões de sexo entre as taxas específicas de mortalidade elevadas nas idades jovens, as maiores contribuições para o diferencial foram verificadas entre os idosos. Em geral, a avaliação dos ganhos de longevidade e seus diferenciais podem auxiliar na formulação de políticas de saúde direcionadas à diminuição das desigualdades em grupos populacionais específicos. Por fim, a análise da contribuição das causas de óbito pode permitir uma melhor compreensão de como essas diferenças se alteram ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHISUMPA, H. V.; ODIMEGWU, C. W. Decomposition of age and cause-specific adult mortality contributions to the gender gap in life expectancy from census and survey data in Zambia. *Population Health*, v. 5, p. 218-226, 2018.
- ERVATTI, L. R.; BORGES, G. M.; JARDIM, A. P. Mudança demográfica no Brasil no início do século XXI: subsídios para as projeções de população. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.
- GLEI, D. A.; HORIUCH, S. The narrowing sex differential in life expectancy in high-income population: effects of differences in the age pattern of mortality. *Population Studies*, v. 61, n. 2, p. 141-159, 2007.
- SIMÕES, C. C. S. Perfis de saúde e mortalidade no Brasil: uma análise de seus condicionantes em grupos populacionais específicos. Brasília: Opas, 2002.
- SUNDBERG, L.; AGAHI, N.; FRITZELL, J.; FORS, S. Why is the gender gap in life expectancy decreasing? The impact of age- and cause-specific mortality in Sweden 1997-2014. *International Journal of Public Health*, v. 63, n. 6, p. 673-81, 2018.
- TROVATO, F. Narrowing sex differential in life expectancy in Canada and Austria: comparative analysis. In: VIENNA INSTITUTE OF DEMOGRAPHY. Vienna yearbook of population research. Vienna, Austria: Vienna Institute of Demography, 2005. p. 17-52.
- UNITED NATIONS. Model life tables for developing countries. New York: United Nations, 1982.
- UNITED NATIONS, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2019). World Population Prospects 2019. *Mortality data*.
- YOKOTA, R. T. et al. Contribution of chronic conditions to gender disparities in health expectancies in Belgium, 2001, 2004 and 2008. *European Journal of Public Health*, v. 29, n. 1, p. 1-6, 2018.